

5 AGO 1986

Para Richa, Constituinte diminuirá poder do Estado

JORNAL DO BRASIL - 6 AGO 1986

"A Constituinte será o momento propício para repensarmos os limites e extensão da presença do Estado no domínio econômico, podendo-lhe o gigantismo, reduzindo-lhe a figura de administrador-empresário àquelas atividades e tarefas julgadas indispensáveis à segurança do país e à promoção do desenvolvimento com justiça social", afirmou o ex-governador do Paraná, José Richa, em palestra na Associação Comercial do Rio de Janeiro.

Para o candidato a senador pelo PMDB a questão essencial "situa-se na redistribuição de funções entre o Estado e a sociedade e, no âmbito da administração pública, pelos seus vários níveis. No Brasil, o estado absorveu muitas atribuições de que a sociedade poderia desincumbir-se sozinha". Considerou "imprescindível a introdução, na futura Carta, de mecanismos institucionais que abram espaço à presença dos vários segmentos sociais na formulação das políticas de governo: profissionais liberais, lideranças sindicais etc."

Constituição

A palestra **A Constituinte e a ordem econômica e social** foi proferida durante o almoço mensal dos empresários na Associação Comercial do Rio de Janeiro. Nela, o ex-governador do Paraná lembrou que foi um dos defensores da convocação de "uma Assembléia Constituinte exclusiva, simultânea e paralela ao Congresso, porque suas tarefas são distintas", além do direito de escolha de outros nomes (fora dos indicados pelos partidos políticos, entre empresários, trabalhadores, profissionais liberais etc.).

Richa lamentou que a 100 dias das eleições "são poucos, muito poucos, quase inexistentes, os espaços abertos nos partidos para o debate dos grandes temas constitucionais, que permanecem no segundo plano das preocupações". Só o PT, segundo consta, encomendou

ao professor Fábio Konder Comparato a elaboração de propostas constitucionais. Richa tem esperança de que, até o final deste mês, o PMDB siga o exemplo.

José Richa explicou que, em Portugal, quando houve a escolha dos deputados-constituintes, "o eleitor tinha prévio e amplo conhecimento das posições ideológicas e políticas dos partidos que disputavam o poder e do tipo de Constituição que cada um pretendia dotar o país". O Brasil não seguiu o exemplo e dedicou "parte expressiva dos trabalhos legislativos à elaboração de textos para substituir o conjunto de diplomas baixados de 64 para cá".

Em consequência, teme que sem "partidos fortes, competitivos, doutrinariamente diferenciados, permaneceremos, como no passado, na dependência dos humores do Príncipe, vale dizer, da vontade do chefe do Estado". Quanto à nova Constituição "podemos vir a tê-la de conteúdo progressista, tecnicamente refinada, ao nível dos mais modernos diplomas europeus, mas sem condições efetivas de se impor na prática, porque as leis, não se realizando sozinhas, dependem de força e vontade políticas. Se tal acontecer, a futura Carta terá vida efêmera ou logo se converterá em colcha de retalhos".

Participaram do almoço o presidente em exercício da Associação Comercial do Rio de Janeiro, Oswaldo Tavares; o governador do Paraná, João Elísio Ferraz; o presidente do BNH, José Maria Aragão; o ex-ministro Mário Henrique Simonsen; o presidente das Federações de Associações Comerciais do Paraná, Carlos Alberto Pereira Oliveira; o presidente da RFFSA, Osiris Stenghel Guimarães; o presidente do banco Bamerindus, José Eduardo Andrade Vieira; o presidente nacional do PTB, Paiva Muniz; o presidente da Fiep, Altavir Zaniolo; e empresários paranaenses e fluminenses.

ANC 88

Pasta Jul/Ago 86

084

D Hélder lembra autoritarismo

Depois de responder a sabatinas sobre os problemas do Brasil, o candidato a deputado-constituinte deveria explicar direitinho sua atuação durante os anos de autoritarismo e oferecer garantias para que se confie nele. Estas são as principais exigências que o arcebispo emérito de Olinda e Recife, dom Hélder Câmara, 77 anos, acha que devem ser feitas aos futuros constituintes.

Prosseguindo em sua "caminhada pela Constituinte", depois que há dois anos conseguiu inédita aposentadoria como bispo, dom Hélder quer "estudar com o povo" as necessidades de uma Constituinte que promova reformas sociais, "sem ódio ou violência".

Otimismo

Com a fala mansa e os gestos pausados, dom Hélder critica o pessimismo, segundo ele um fator que impede a sociedade de acreditar que a reforma agrária será realmente implantada no governo Sarney ou duvidar da possibilidade de se reduzir os índices de criminalidade e a violência no campo, através de um grande mutirão contra a fome e a miséria. "Eu acho o pessimismo uma praga que tem que ser afastada com urgência", disse dom Hélder, que, depois de ter sido contumaz crítico dos governos militares, hoje pondera:

— É muito fácil jogar pedras no Governo — afirma dom Hélder, lembrando também que o "governo depende muito da pressão popular, no bom sentido" e que "a reforma agrária não pode fracassar, pois seria mais uma grave frustração do nosso povo".

Diante dos graves problemas sociais brasileiros, entre os quais destaca a pobreza, o desemprego e a habitação, Dom Hélder manifesta esperança na "revisão ou reconstrução da Constituição" — através da Assembléia Nacional Constituinte. "O Brasil está vivendo uma hora que deve ser aproveitada ao máximo", sugere Dom Hélder.

— Sabemos que os governos autoritários sentem-se no direito de cortar um artigo ou acrescentar outros à Constituição, até capítulos inteiros. Agora teremos o privilégio de poder eleger constituintes. Sem pretender tomar o lugar do Governo — a CNBB tem bastante juízo para saber que esta não é sua missão —, nem dos partidos e nem dos órgãos de classe, respeitando ao máximo a consciência de cada um, a Igreja julga do seu dever ajudar a preparar o povo para escolher quem vai compor a nova Constituição — diz.

Para o bispo de Olinda, os escolhidos vão ser os que conhecem bem os "problemas do povo" e garantem a defesa dos interesses da maioria.

— Se aparecer uma pessoa dizendo que quer ser eleita para a Constituinte, vai passar por uma sabatina sobre os problemas brasileiros. Quando for um camarada cheio de lábia, que responder tudo, o povo não vai se contentar. Vai perguntar: "Escuta, por onde você andava, o que fazia esse tempo todo, como apareceu agora e qual a garantia que a sua vida dá, até hoje, para que se confie em você?" Tudo isso o povo sabe fazer e está muito mais acordado do que a gente pensa — garante Dom Hélder.